

IPR 0059

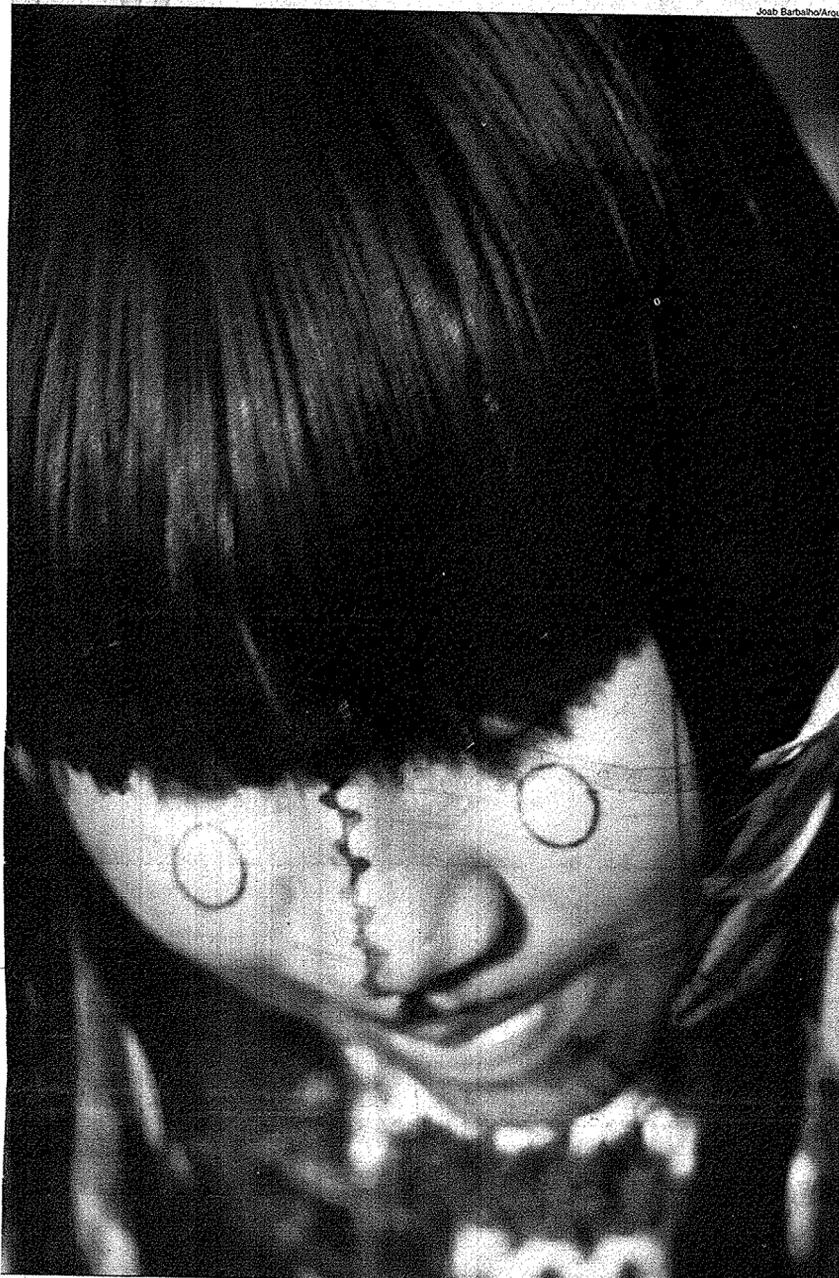
SEXTA

4468

CARTA DA TERRA

# Índios denunciam a biopirataria

Documento elaborado pela representação indígena questiona também o roubo de madeira e cobra políticas governamentais



Índios cobram o direito de ser informados de "quaisquer trabalhos ou projetos em suas áreas"



Nelson Francisco  
 Da Redação

Um documento paralelo à Carta da Terra elaborado pelo Comitê Internacional Intertribal, que envolve índios do Brasil, Ásia, África, Austrália e Europa, foi entregue ao coordenador-internacional da Carta da Terra, o norte-americano Steven Rockefeller. Desta vez, os silvicultores propõem não só sugestões e projetos a serem executados, mas graves denúncias de biopirataria, roubo de madeira, extinção de etnias e doenças transmitidas pelo homem branco. Mais: cobram atitudes urgentes da Organização das Nações Unidas (ONU) para que os indígenas recebam tratamento não só como minorias. Querem a definição de políticas claras governamentais que saiam da teoria e sejam colocadas em prática.

"Nós estamos articulando ações para os 500 anos do Brasil na proposta da Carta da Terra para que os nossos direitos sejam garantidos", frisou o índio pareci, Daniel Matenu Kabixi, 45 anos. Uma sugestão reivindicatória do esboço tem o aval de vários países, sobretudo dos cerca de 180 povos indígenas do Brasil, totalizando uma população de 330 mil índios espalhados em todo o território brasileiro. "O princípio básico que levou a gente a entregar esse documento foi uma estabilização desse equilíbrio, buscando uma série de contatos nacionais e internacionais que possam contribuir na nossa luta para que o índio possa ser um agente ativo e não só objeto de estudo", destacou Daniel.

Com 109 itens, o documento chamado "Carta da Terra dos Povos Indígenas - Direitos Humanos e Direitos Internacionais", cujas algumas das sugestões já foram apresentadas na Rio-92, elenca desde o princípio básico do direito à vida, à terra e saúde, como questões que preocupam a Fundação Nacional do Índio (Funai), Organizações Não-Governamentais (Ongs), governantes, indigenistas, antropólogos e pesquisadores.

"Recomendação que a convenção contra o genocídio deve ser mudada incluindo o genocídio dos Povos Indígenas. Há muitos exemplos de genocídio contra os Povos Indígenas", diz o item 4º do documento. Mais uma vez, na busca da sensibilização dos governantes que deverão elaborar um plano de ação a ser colocado em prática - um dos princípios da Carta da Terra - para manter a sobrevivência dos povos em seus territórios, os índios cobram a manutenção do "direito às for-

mas tradicionais de vida". Em outras palavras, em todo o texto eles expuseram seus problemas como a garantia de demarcação de territórios, combate à biopirataria, educação e saúde. Não só no Brasil como em outros países, eles cobram à ONU o direito de serem informados de "quaisquer trabalhos ou projetos em suas áreas, participando das decisões e das autorizações em referência".

No caminho da esperança das articulações de novos pactos entre países, conforme propõe a Carta da Terra, os índios sugerem a participação de "observadores internacionais, quando houver risco de corrosão social, econômica e cultural nos seus territórios". O alerta que há muito tempo já vem sendo feito continua sendo ignorado em Mato e em várias partes do mundo.

"Para defender o conhecimento indígena, nós estamos num processo vulnerável. Há uma evasão enorme de divisa e bens", ameniza, num português claro, Daniel Cabixi. Em verdade, ele refere-se ao desmatamento em suas terras indígenas com a devastação e roubo de madeira e a poluição ambiental provocada pelo garimpo, além dos conflitos com fazendeiros.

Na visão conjunta do esforço em comum definindo as diferenças e discrepâncias gritantes entre os povos, que foi um dos objetivos da Conferência Continental das Américas,

os silvicultores voltaram a discutir um assunto do passado, o qual ainda não foi assimilado por grande parte da população mundial. "Nós, povos indígenas, caminhamos em direção ao futuro nas trilhas dos nossos antepassados. Do maior ao menor ser vivente, das quatro direções do ar, da água, da terra e das montanhas, o Criador colocou a nós, povos indígenas, em nossa terra, que é nossa mãe. As pegadas de nossos antepassados estão permanentemente gravadas nas terras de nossos povos", diz um dos trechos do documento entregue a Rockefeller pelo índio Marcos Terena.

**"As pegadas de nossos antepassados estão permanentemente gravadas nas terras de nossos povos"**

**"Para defender o conhecimento indígena, nós estamos num processo vulnerável. Há uma evasão enorme de divisa e bens"**

## Desnutrição mata indígenas

Da Redação

A desnutrição é uma das principais causas de doenças e mortes dos cerca de 30 mil índios de quatro etnias do Panamá. Não existem estatísticas oficiais sobre os números, mas os dados são preocupantes. O alerta foi feito ontem pela índia la kuna, que representou os povos indígenas panamenhos na Conferência Continental das Américas, Doris Bil.

Uma das causas da doença, segundo ela, é a mudança brusca no tipo de alimentação dos indígenas daquele país que, devido à influência cada vez maior do homem branco, trocaram a alimentação feita à base de produtos de subsistência (mandioca, milho, feijão, banana, frutas, etc) por produtos enlatados.

Este é apenas um dos lados dos vários problemas enfrentados pelos índios panamenhos, país localizado na América Central, que tem uma população de aproximadamente 2 milhões de habitantes. No contexto global da situação indígena no Panamá, diz Doris

Bill, atitudes urgentes devem ser tomadas para amenizar o drama da população.

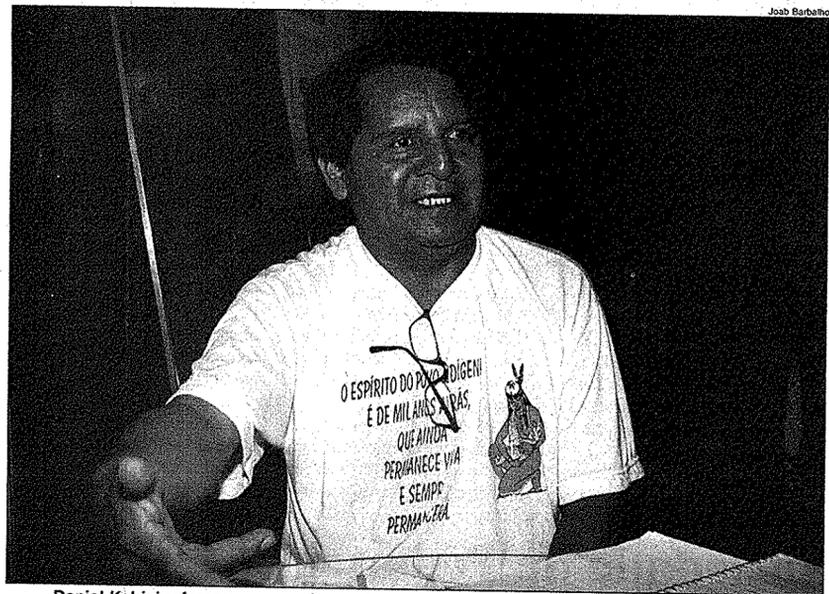
"Os nossos problemas são de ordem política, econômica e social. Não temos uma universidade para os índios. Essa é uma das nossas preocupações para que essa população possa ser educada", diz Doris. Dos 7.775 metros quadrados, 40% do território pertencem aos índios da etnia la kuna, ncobe-bugie, emera-wounan e kuna-yala.

Além de trazer as experiências e contribuições do seu país não só sobre a questão das minorias, Doris veio cobrar a participação de outros países e entidades para que conheçam a realidade do Panamá, sobretudo os graves problemas enfrentados.

"Esperamos tomar uma iniciativa envolvendo governos e instituições não só para a questão ambiental, como para todos os problemas que atingem diretamente o Homem. A carta será um instrumento de eficácia não só para os índios, como para os não-índios", salientou ela. (N.F.)



Doris Bil, índia da etnia la kuna, representou os índios panamenhos na Conferência das Américas



Daniel Kabixi reforçou a necessidade de participação dos índios no processo de decisão



Conferência Continental das Américas: auditório lotado ontem no Hotel Fazenda Mato Grosso